

**Promover cursos de extensão acadêmica para o empreendedor brasileiro, com foco na relação e aprendizado do empresário e do aluno do curso de administração; visando melhorias na gestão empresarial, e possível redução da taxa de mortalidade das micros e pequenas empresas brasileiras.**

Wilton Marles Nogueira\*

**Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo, a pesquisa básica, qualitativa, bibliográfica e exploratória, no sentido de apresentar junto as universidades brasileiras, reflexão sobre a necessidade de dialogar, para promoção de cursos de extensão, (apoiando-se no ProExt – Programa de Extensão Universitária; além de verificar o princípio da indissociabilidade entre o ensino, pesquisa, extensão e o conhecimento; que é papel da universidade junto a sociedade); voltados aos empreendedores brasileiros; como forma melhorar a gestão e o aprendizado do aluno do curso de Administração; assim como possível redução da taxa de mortalidade das Micros e Pequenas empresas brasileiras, uma vez que, observa-se em estudos e artigos, que um dos fatores desta mortalidade está ligada a falta de conhecimento na execução do processo de gestão administrativa, entre outras. Neste aspecto, desenvolver também junto a estes empresários; a possibilidade de abertura de suas empresas aos alunos do curso de administração; como forma de pesquisa; melhorando a aplicabilidade da teoria, no dia a dia da organização; além de melhorar a transição do recém-formado, junto ao mercado de trabalho; criando vínculos entre alunos e empresários, melhorando a relação e o entendimento. Estamos na Era da informação, do conhecimento, do intangível; entende-se que as universidades ministram o que há de mais atual em termos teóricos; mas há de se observar o lapso temporal entre o ensino teórico, a aplicabilidade nos processos das empresas, e os motivos que fazem o empreendedor brasileiro empreender. Assim, por meio destes cursos, desenvolver ferramentas que proporcionará, aos alunos e empreendedores uma gestão empresarial mais eficiente.

**Palavras-chave:** Alunos do curso de Administração. Empreendedores brasileiros. Extensão Universitária.

\*Bacharel em Administração pela Estácio de Sá (Formação Acadêmica).

\*\* Encarregado de Controle e Custos; com atuação na área de Infraestrutura (Formação Profissional).

E-mail: [wiltonmarles@gmail.com](mailto:wiltonmarles@gmail.com) , [wilton@dabliumarles.com.br](mailto:wilton@dabliumarles.com.br)

## **1. Introdução: Brasil, um país de empreendedores; com taxas elevadas de mortalidade das micros e pequenas empresas.**

Este artigo utiliza-se de pesquisa básica, qualitativa, bibliográfica e exploratória; para verificar os motivos que os cursos de extensão acadêmica; são poucos utilizados pelas (IES) Instituição de Ensino Superior, sob a perspectiva de P&D, voltados aos empreendedores brasileiros.

Avaliar a relação entre cursos de extensão acadêmica para empreendedores, visando a melhoria do aprendizado dos alunos do curso de administração, e da capacidade de gerir negócio do empreendedor; além de verificar a possibilidade da redução da taxa de mortalidade das Micros e Pequenas empresas brasileiras, com a implementação destes cursos. Tendo o cuidado para não se tornar prisioneira do setor privado; como coloca Buarque (1994): “[...] a universidade brasileira tem de modificar seu comportamento em relação ao setor produtivo. Mantendo a necessária independência para poder pensar a longo prazo, sem se transformar -se em uma espécie de departamento tecnológico da indústria [...]”.

O que leva o cidadão brasileiro a empreender? Necessidade, vontade de ter seu próprio negócio, visão e oportunidade de negócio, etc.; estes são alguns dos fatores que torna o Brasil um país de empreendedores, segundo relatórios do Sebrae, com parcerias junto a outros institutos: nacionais (IBGE) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e internacionais (GEM) Global Entrepreneurship Monitor.

O Livro *Viagem ao Mundo do Empreendedorismo* define:

O Empreendedorismo é definido como um comportamento e não como um traço de personalidade. Segundo esse ponto de vista, as pessoas podem aprender a agir como empreendedores, usando para isso ferramentas baseadas no interesse em buscar mudanças, reagir a elas e explorá-las como oportunidade de negócios. Como consequência, uma cultura empreendedora gera prosperidade econômica ao proporcionar altas taxas de criação de novas empresas. Por se tratar de um fenômeno social e cultural, existem famílias, cidades, regiões e países mais empreendedores que outros. (*Viagem ao mundo do empreendedorismo*, 2005, p.17)

Com estas colocações, entende-se que é necessário preparar o empresário para gerir seu empreendimento; porque a longevidade das empresas pressupõe vários fatores, tais como: gestão empresarial eficiente, conhecimentos empíricos e acadêmicos, estratégias, fatores econômi-

cos e políticos, tecnológicos; capacidade de adaptabilidade no mercado atual, inovação e a correta aplicabilidade de todos estes fatores. A ausência de algum destes elementos, poderá implicar em possível insucesso do empreendimento. Para Chiavenato (2007, grifo nosso), “as causas mais comuns de falhas nos negócios são econômicas: **Incompetência do empreendedor; falta de experiência de campo; falta de experiência gerencial; experiência desequilibrada**”; entre outras.

Verifica-se, que a necessidade é um dos fatores que leva o cidadão empreender; aventurando-se no mercado globalizado. Mas este novo empresário é oriundo de uma cultura imediatista; do jeitinho brasileiro; da falta de planejamento; falta de conhecimento (legislação, princípios administrativos, etc.), além de práticas de corrupção. E, devido esta necessidade, combinada com esta cultura imediatista; poderá apresentar resultados que nem sempre serão satisfatórios para a longevidade destas empresas recém-criadas.

Em 2016 acentuou-se a mudança no cenário da economia brasileira que iniciou-se em 2014 e continuou em 2015. A desaceleração econômica do país nesses três anos culminou com um período recessivo que começou com a crise nos mercados internacionais, tornou-se mais grave com a continuada queda do preço das commodities, e, especialmente, com a crise. Esse cenário se mostrou menos favorável ao empreendedorismo por **oportunidade** e, em decorrência da situação de maior desocupação no país, **acarretou um incremento no empreendedorismo por necessidade**. (Global Entrepreneurship monitor. 2017, p. 19, grifo nosso)

Desta forma; este trabalho encaminha-se para demonstrar a necessidade de apoio ao empreendedor, procurando leva-los às salas de aula; com cursos que promova conhecimentos e reflexões sobre o dia a dia das empresas, melhorando significativamente o processo gestacional da Nova Empresa que ora empreende.

Na Era do Intangível, do mundo em constante reconfiguração; conforme diz Souza (2012) em seu livro, *A NeoEmpresa: A empresa deve gravitar em torno de seus clientes internos e externos, e de todos aqueles que dependem diretamente e indiretamente da organização, e não vice-versa; o que implica maior conhecimento de gestão empresarial; dos pilares da administração moderna, e de si próprio, como Neo Líder.*

Mas, como isto poderá acontecer? Como eles se tornarão novos líderes, se muitos destes empresários não têm o costume de ler; de buscar apoio das instituições (como Sebrae e as empresas do sistema S), ou mesmo voltar as salas de aula? Como eles obterão estes conhecimentos,

se para eles todo investimento em treinamento é custo? Percebe-se grande resistência em buscar conhecimento (tanto por acharem que isso não é necessário, e também por falta de informação).

Por isso, pecam em vários fatores, tais como: **Gestão de custos, Planejamento, Estoques, prazos de Recebimento/Pagamento, relação com o Cliente; Fluxo de caixa; Legislação; etc.**; e por aí adiante.

Por outro lado, cabe ressaltar que houve evolução na legislação, no que diz respeito ao apoio às Micros e Pequenas empresas como: **A Lei da Microempresa (Lei Complementar nº 123/2006 - (Lei Geral da Micro e Pequena Empresa)); MEI; Simples Nacional, ProExt, etc.**

Porém, falta evoluir em treinamento e capacitação do empresário; onde, universidades e Sebrae, poder-se-iam criar parcerias para oferecer cursos (sem custos) que promovesse melhorias na gestão de seus negócios.

Outro fator que se observa, é a falta de conhecimento do pacote office (Tecnologia); e aqui, incluímos também os alunos e professores de um modo geral. Ter aptidão no uso destas ferramentas, é imprescindível para elaborar soluções que permita melhoria dos controles, sem necessidade de investimentos de alto custo, como muitos imaginam; isto será um diferencial.

Na realidade, o que falta são **cérebros pensantes**; e o “cérebro”; entende-se ser a matéria-prima à ser manipulado pelas universidades; para desenvolvimento de cidadãos capacitados, conhecedores da teoria e da prática; procurando equacionar a aplicabilidade destas teorias para a realidade das empresas brasileiras.

Sobre este tema (Tecnologia), é possível contar com o apoio da Microsoft, Sage Brasil entre outras; que tem disponibilizado ferramentas para melhorar e flexibilizar o ensino; com foco no desempenho de professores e alunos; mas é pouco divulgado ou pouco absorvido pela falta de conhecimento dos professores e das IES.

A Microsoft disponibiliza<sup>1</sup> gratuitamente o pacote Office 365 completos para alunos e professores. “Não é uma versão de avaliação! Alunos e professores estão qualificados para o

---

<sup>1</sup> <https://products.office.com/pt-br/student/office-in-education>

Office 365 educacional que inclui os aplicativos Word, Excel, PowerPoint e OneNote e o Microsoft Teams, além de ferramentas adicionais para sala de aula (Microsoft 2017) ”.

Já a Sage Brasil, disponibiliza<sup>2</sup> para coordenadores e professores como segue:

O Sage | Programa Formação é o canal de relacionamento com as Instituições de Ensino em todos os níveis: profissionalizante, técnico, tecnólogo, graduação e pós-graduação. Principalmente fazemos a cessão gratuita do software Sage Gestão Contábil (SGC) em sua versão acadêmica. Com ele os Professores e Alunos fazem atividades práticas dos conteúdos em: contábil, fiscal, folha de pagamento e patrimonial.

O SGC Acadêmico é útil nas práticas dos Alunos que cursam: Ciência Contábeis, Administração, Recursos Humanos, Finanças e Direito. É uma forma do Aluno colocar em prática as teorias que está aprendendo e também se capacitar em um software que está cada vez mais presente nas empresas e escritórios contábeis em todo o Brasil

A instalação do SGC é feita nos laboratórios da Instituição de Ensino e também nos computadores pessoais dos Alunos. Para isso o Coordenador do Curso ou Professor da Disciplina faz a solicitação da licença gratuita ao responsável pelo Sage | Programa Formação, preenchendo o formulário no site. (SAGE BRASIL)

Diante destes facilitadores; assim como a evolução da legislação; é mister que a IES, públicas ou privadas, lancem mão destes benefícios, e se esforcem para implementarem projetos de extensão acadêmica, que transmita estes conhecimentos; iniciando o processo para trazer os empresários à sala de aula.

Quando a economia vai bem, há uma aparência de que os empreendimentos também estão bem e crescendo, assim como se vê no relatório do Sebrae 2016, onde houve crescimento na sobrevivência das empresas criadas, com avaliação dos 2 (dois) anos de vida. Neste informe, é apresentado as taxas, com crescimento de sobrevivência, da ordem de 76,6% e um decréscimo da mortalidade para 23,4% (entre 2008 a 2012). Mas, e no futuro? Como apresentará este mesmo relatório, no momento em que serão avaliados os dias atuais?

O que se pretende demonstrar; é que, se o empresário tiver conhecimento, ele possivelmente passará por momentos de turbulência como maior autonomia e gerando lucro; o que no momento atual não poderá ser afirmado; onde muitos trocam figurinhas, sobrevivendo por mais algum tempo. O conhecimento é o princípio básico que levará empresários e alunos a se fortalecerem para enfrentar a ciranda mercadológica e a oscilação da economia.

Para levar este conhecimento ao empreendedor brasileiro, espera-se a conscientização e reflexão das Universidades, no sentido de desenvolverem projetos voltados para este setor, dada

---

<sup>2</sup> [http://conteudo.sage.com.br/programa-formacao-sage/?utm\\_source=site&utm\\_campaign=sage\\_unity&utm\\_medium=main\\_nav](http://conteudo.sage.com.br/programa-formacao-sage/?utm_source=site&utm_campaign=sage_unity&utm_medium=main_nav)

sua importância para o crescimento da economia; são estes empresários que alavancam os postos de trabalho, gerando riqueza e dignidade para o cidadão que luta pela sua sobrevivência. Espera-se que as IES, utilizem mais a extensão, como forma de dialogar com a sociedade, escutando suas demandas, e pensando soluções a curto e longo prazo.

**2. A extensão acadêmica como forma das universidades dialogar, orientar e transferir conhecimento ao empreendedor, assim como o uso correto das tecnologias; dos processos de gestão administrativa; melhorando o desempenho e a aplicabilidade destas em suas empresas.**

Desde os primórdios de nossa existência, o homem busca adaptar-se para melhorar sua condição de vida nos locais onde atua (meio ambiente), nos processos domésticos e profissionais. É uma busca constante pela melhoria da vida nos vários sentidos; destacando-se aqui os tecnológicos: Melhoria dos processos e objetos que manipulam em seu dia a dia, na obtenção de melhores resultados.

A capacidade de desenvolver tais tecnologias, faz com que alguns povos sejam mais evoluídos que outros; e através do processo de transferência, vão passando a frente seus conhecimentos; permitindo que outros povos se apoderem, dando-lhes mais autonomia.

No filme “A Guerra do Fogo”; (La guerre du feu (Título Original) Diretor: Jean-Jacques Annaud - 1982); podemos observar este fato, bem como a necessidade de: **conhecer, aprender e aplicar em nosso dia a dia**; para não ficarmos estacionados no tempo, dependentes, único e exclusivamente de um método; tendo a capacidade de criar soluções para suprir possíveis perdas; continuando nossa sobrevivência pelo nosso esforço e capacidade de **pensar soluções**, estendendo esta transferência, através do ensino e da pesquisa.

Pensando nisto, o legislador através do instituto da constituição brasileira em seu Art. 207 diz: “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao **princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** (BRASIL, 2016, grifo nosso).”

O que é, e como funciona a extensão universitária? Segundo artigo do Blog da Universidade São Judas Tadeu:

Dá-se o nome de extensão universitária a todas as atividades promovidas por instituições de ensino superior destinadas à interação entre ela e a comunidade na qual está inserida, constituindo uma ponte permanente entre a universidade e a sociedade. Elas ultrapassam o âmbito específico do ambiente acadêmico, sendo abertas ao público não universitário.

O objetivo principal das atividades de extensão é a troca de conhecimentos. Além de levar os conceitos e aprendizados desenvolvidos no ambiente acadêmico à comunidade não universitária, a instituição e, conseqüentemente, os alunos que participam desse tipo de atividade aprendem as **necessidades, anseios, aspirações e saberes da comunidade, socializando e democratizando o conhecimento**. (Universidade São Judas Tadeu, 2016, grifo nosso)

Desta forma a extensão acadêmica far-se-ia o papel de dialogar e ensinar estes atores, através da instituição detentora do saber; “as Universidades”. Promovendo a transferência destes conhecimentos aos empresários e alunos; assim como o correto uso das tecnologias e processos gestacionais, com foco na possível redução da taxa de mortalidade das Micros e Pequenas empresas, nos 5 (cinco) primeiros anos de vida; na melhoria da transição do recém-formado junto ao mercado de trabalho; além de cumprir seu papel social.

A extensão tem os princípios do ensino e do aprendizado nos seguintes aspectos:

O primeiro aspecto, [...] a universidade não é a única, mas recai sobre ela a responsabilidade para iluminar e revelar o sentido da história, da vida e do próprio conhecimento. [...]. A extensão tem como uma de suas finalidades, portanto, comunicar os valores e as potencialidades institucionais para a efetivação do sentido da vida e da história humana.

O segundo aspecto, o de pautar o processo educativo como uma ação e reflexão é fazer da educação um empreendimento que acolhe as necessidades e as demandas da sociedade e, por meio do projeto formativo e profissionalizante, contribuir com o desenvolvimento social.

O terceiro aspecto, o de promover possibilidades diferenciadas de experiências educativas, é a razão de ser da universidade, isto é, motivar os sujeitos acadêmicos para que possam ampliar as oportunidades de aprendizagem por meio de outras experiências.

A extensão universitária é compreendida, de forma geral, como a função social da universidade, ou como a maneira específica de fazer ensino e pesquisa, ou como uma forma supletiva para desenvolver ações sociocomunitárias. (SÍVERES, 2013, p. 25-26;31).

Assim, o desenvolvimento de um povo, depende da transferência do conhecimento para empoderamento destes; para melhoria e desenvolvimento de alguns atributos que as universidades não ensinam, mas que o mercado exige; como coloca Navarro em seu livro “O que a universidade não ensina e o mercado de trabalho exige”:

Autoconhecimento, propósito, valores, adaptabilidade, resiliência, assertividade, capacidade de reflexão, aprendizado contínuo, inteligência artificial, boa comunicação, respeito a diversidade, automotivação, criatividade, proatividade, educação financeira e preparo para liderança (NAVARRO, 2006 p. 1)

Estes atributos; definitivamente fazem parte do novo líder, daí a importância dos projetos de extensão para orientar, mostrar a nova realidade para alunos e empreendedores; sendo necessário maior engajamento das universidades, na promoção de projetos de pesquisa de cunho tecnológico (transferência); como coloca Silveira em sua tese:

Portanto, as empresas dos setores produtivos brasileiros ainda não estão habituadas a verem, no desenvolvimento tecnológico, seu maior aliado para enfrentarem a competitividade. Tal comportamento as leva a não investirem em P&D. Do lado das universidades, a máquina da burocracia e o emaranhado de normas a serem seguidas dificultam bastante a consolidação desta relação. Aliado a estes fatores, **vem o fato de que as universidades não estão habituadas ao desenvolvimento de pesquisas tecnológicas** e sim científicas. (Relação Universidade-empresa: fatores propulsores e restritivos no processo de transferência de tecnologia nas empresas catarinenses, 2005, p. 37, grifo nosso)

Diante do exposto, espera-se que haja reflexão; que as universidades promovam diálogos com os empresários, para que estes abram as portas de suas empresas.

## **2.1. As Micros e pequenas empresas (MPEs).**

Responsáveis por parte expressiva da força de trabalho na economia brasileira, as MPEs têm dificuldades para conseguir financiamentos; como consequência não investem em inovação, treinamento; afetando assim sua sobrevivência.

A taxa de mortalidade deste grupo, está ligado ao porte, como apresenta livro Micro e pequenas empresas (2012): “A esse propósito, o relatório do IBGE (2005) traz evidências de que o tamanho da empresa tem relação direta com sua sobrevivência. ”. Mas, apesar da evolução da legislação as MPEs seguem tendo taxas elevadas de mortalidade. Elas necessitam melhorar sua gestão, capacitando os empreendedores.

## **2.2. Conhecendo as taxas de sobrevivência e mortalidade das empresas, em estudos atuais.**

O Sebrae, especialista em pequenos negócios; disponibilizou novo relatório com o tema: Sobrevivência das empresas no Brasil, de outubro de 2016. Este relatório traz estudos sobre a sobrevivência e mortalidade de empresas com até 2 (dois) anos de atividade no Brasil. A base



deste relatório, são os informes da (SRF) Secretaria da Receita Federal entre os anos de 2008 a 2012, além de entrevista por telefone com 2.006 empreendedores.

Neste ano, o relatório apresenta números positivos, com taxas de sobrevivência das empresas: Em 2008 a taxa era 54,2% e em 2012 passou para 76,6%; apresenta também a taxa de mortalidade: 2008 era 45,8% e em 2012 cai para 23,4%. Isto, reflete o período em que a economia estava apresentando quadros de crescimento e o aumento significativo do MEI (Microempreendedor Individual).

O ingresso do MEI (Microempresário Individual), puxou a taxa para cima; tendo que ser considerado como fator de melhoria da análise em questão, além do momento de aparente crescimento econômico, vivido pelo Brasil neste período.

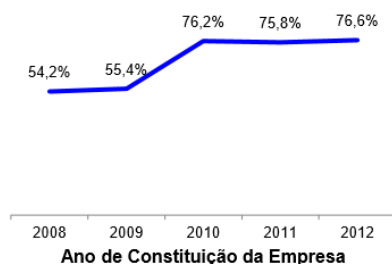
Outro fator importante, são as taxas das Microempresas; que, mesmo com o cenário favorável; este grupo não apresentou crescimento.

Os fatores contribuintes para a sobrevivência / mortalidade de empresas segundo este relatório são: “Situação antes da abertura; Tipo de ocupação do empresário; Experiência no ramo; Motivação para abrir o negócio; Planejamento do negócio; Gestão do negócio; Capacitação dos donos em gestão empresarial. (Sobrevivência das empresas no Brasil, 2016) ”.

Os fatores contribuintes, também são desconhecidos pela maioria dos empresários; uma vez que não têm lastro teórico para saber que existe todos estes por menores. É comum a prática de não separar a Pessoa Jurídica da Pessoa Física. O uso indevido do dinheiro da empresa é constante; acham que o dinheiro é deles; não definem um valor para viver, vão usando de qualquer forma, sem nenhum controle.

GRÁFICO 1 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS.

GRÁFICO 1 - TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS, NO BRASIL



Fonte: Sebrae (2016)

O gráfico 1, em virtude da expansão do PIB, combinado com um período de aparente crescimento da economia; além da evolução na legislação com a criação do MEI; mostra melhoria no resultado das empresas.

O que possivelmente não se pode dizer do resultado financeiro destas empresas; diante da falta de controle e de preparo, da falta de capital de giro, onde muitos sobrevivem por algum tempo, tendo aparência de prosperidade.

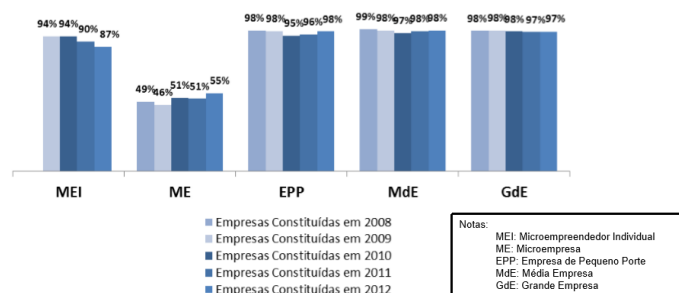
GRÁFICO 2 – TAXA DE MORTALIDADE DE EMPRESAS DE 2 ANOS.



Fonte: Sebrae (2016)

O gráfico 2 por sua vez, apresenta percentuais com redução da mortalidade; e dentre os grupos das empresas estudadas; o que mais foi afetado, é o da Microempresa (ME).

GRÁFICO 3 – TAXA DE SOBREVIVÊNCIA DE EMPRESAS DE 2 ANOS POR PORTE.



Fonte: Sebrae (2016)

O gráfico 3 demonstra uma equiparação percentual das empresas estudadas, com a ME apresentando taxas muito abaixo dos outros grupos.

Com estes resultados, podemos indagar: Qual é o fator que leva o grupo das ME's a continuar tendo elevadas taxas de mortalidade, mesmo em momentos que a economia está aquecida? O que pode ser feito para reverter esta realidade?

Por isso ressaltamos a importância de demonstrar a necessidade de melhorar o conhecimento do empreendedor; para que ele saiba atuar em qualquer conjuntura econômica. Quando há vento a favor; qualquer barco com vela navega; por isso, preparar o empreendedor é fundamental para que ele possa ser criativo, entender e aprender para avaliar cenários; e assim proporcionar segurança na condução do negócio em momentos de oscilação econômica; criando suas próprias estratégias para impulsionar seu projeto.

Segundo o relatório do Global Entrepreneurship Monitor (2017, apud O PNAD 2014<sup>3</sup>, **grifo nosso**); apenas 13,1% da população brasileira acima de 25 anos tem curso superior completo. Vale destacar que a participação em novos empreendimentos é equilibrada nas diversas faixas de escolaridade, onde respondentes com “alguma educação” apresentam TEA<sup>4</sup> de 19,5%, indivíduos com “secundário completo” possuem taxa de 20,5% e aqueles com “pós-secundário” tem menor TEA (14,4%). **Este dado revela a necessidade de incluir na educação básica (fundamental e médio) discussões e conteúdos que deem suporte à atividade empreendedora**, pois uma grande parcela dos empreendedores adultos do país possui apenas este nível de escolaridade.

Corroborando com esta linha de raciocínio, destaca-se ainda reflexão sobre:

A evolução da taxa de empreendedorismo por **oportunidade** no Brasil perpassa, necessariamente, pelo aumento do **nível educacional**. Cabe às Instituições de Ensino, principalmente às de ensino superior, incentivar a ação empreendedora, seja por meio da simples participação em eventos da área, como a Semana Global do Empreendedor, evento este organizado pela Endeavor Brasilv, ou por meios mais aprofundados, como a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, que enfatize o desenvolvimento das características comportamentais empreendedoras e coloque os alunos em contato com a realidade do tema. (Ensino do empreendedorismo e extensão universitária: uma política pedagógica articulada, 2011 p. 13, grifo nosso)

Não só incluir conteúdos sobre empreendedorismo; como se faz necessário também, melhorar o uso do pacote Office; uma vez que é imprescindível o uso no dia a dia das empresas.

O relatório aponta também a classificação do Brasil no que diz respeito ao empreendedorismo como: Países impulsionados pela **eficiência**<sup>5</sup>. Mas a longa tarefa de melhorar a visão administrativa, levando o empreendedor brasileiro às salas de aula; será umas das barreiras a

<sup>3</sup> Texto original: PNAD 20143 - leia-se PNAD 2014

<sup>4</sup> Taxas de empreendedorismo em estágio inicial (TEA)

<sup>5</sup> Países impulsionados pela eficiência – são caracterizados pelo avanço da industrialização e ganhos em escala, com predominância de organizações intensivas em capital;

serem vencidas, para que o País saia da categoria de **eficiência**, para a classificação de países impulsionados pela **inovação**<sup>6</sup>

Observa-se que muitos empreendedores estão mergulhados no processo de autoajuda; ou seja, dependentes de alguém que os ajude a caminhar. A proposta da extensão seria de tirá-los deste processo, para a condição de **cérebros pensantes**; saindo da minoridade para maioria pelo **esclarecimento** como bem coloca Kant (1985); como aqueles que buscam inovações; aparelhando-se com as novas tecnologias.

O novo empreendedor surgirá para dar continuidade ao seu negócio, promovendo e avançando sua empresa; saindo de empresa reativa para ativa; da velha para a **NeoEmpresa** e o **NeoLíder**.

### 2.3. A NeoEmpresa e o NeoLíder.

Se existia um lapso de tempo para que as tecnologias fossem passadas para outros povos; agora, na **Era da Informação; do Intangível**; este tempo foi reduzido, assim como as distâncias com o advento da globalização; da web. Por isso; capacitar o empreendedor é mais que avaliar possível queda da **taxa de mortalidade** das Micros e Pequenas empresas brasileiras; é transformar a realidade atual das organizações, para acompanhar as mudanças que a globalização impõe ao management<sup>7</sup> da Era da informação; entendendo que no futuro, estas serão as grandes empresas; que contribuirão para impulsionar a economia do país.

Muitas coisas nascem com sua obsolescência programada; como também é o uso das ferramentas do Management contemporâneo; que segundo Souza (2012, p. 12) “foram criadas para um ambiente corporativo que ficou no passado” e que não devemos “conduzir nossas empresas, olhando para o retrovisor”.

---

<sup>6</sup> • Países impulsionados pela inovação – são caracterizados por empreendimentos intensivos em conhecimento e pela expansão e modernização do setor de serviços.

<sup>7</sup> Management: Gestão; Administração.

Por isso, avalia-se necessário que o empresário tenha capacidade de acompanhar o novo ritmo; que seja capaz de auto avaliar-se, de preparar sucessores, ao invés de ficarem estacionados no tempo, inativos.

A NeoEmpresa, deve ter um NeoLíder, capaz de promover a longevidade do negócio; de reinventá-lo quando necessário.

Para Souza (2012, p. 17-18), algumas características que a NeoEmpresa se diferencia das empresas tradicionais, a saber:

- Constrói mapa de geração de valor;
- Integra de forma orgânica, sistêmica e diferenciada;
- Atrai e desenvolve líderes inspiradores;
- Lutas pelo progresso de seus clientes;
- Customiza a gestão das pessoas;
- Valoriza o intangível;
- Desenvolve uma cultura integradora;
- Constrói “Arquipélogos de Excelência”;
- Cultiva a paixão;
- Reinventa-se continuamente.

Desta maneira, cabe também a reinvenção constante do ensino, procurando adaptar a teoria, às práticas cotidianas das empresas, conciliando os conteúdos para nossa realidade; e neste mesmo instante, procurar construir uma nova cultura.

Se para as organizações, a mudança da cultura é importante; o mesmo pode-se dizer da sociedade. Inovar o “pensamento” para evoluir como cidadãos, como empresários que dirigem suas empresas olhando para o futuro; avaliando cenários, promovendo estratégias próprias.

### **3. Conclusão:**

Conclui-se com esta pesquisa que:

1. O empreendedorismo brasileiro anseia por mudanças como: Visão administrativa; desenvolver mudança cultural (Jeitinho brasileiro); pensar a longo prazo introduzindo o planejamento e estratégias de inovação; abandonar as práticas de corrupção (aproveitando o momento em que a Lava-Jato passa o Brasil a limpo); fazer com que as pessoas voltem às salas de aulas via projetos de extensão, que por sua vez será a tarefa das Universidades.

2. Que os números apresentados pelos relatórios, apenas mostram aparente sucesso econômico e crescimento da taxa de sobrevivência das empresas; sendo necessário desvelar o momento financeiro vivido por estas empresas, uma vez que, estar bem economicamente não quer dizer que estas empresas vão bem financeiramente, daí o motivo delas sobreviverem por algum tempo; depois sucumbem e pedem falência; pois apenas trocam figurinhas.
3. Que o tema empreendedorismo deverá ser pensado como matéria do ensino; desde o fundamental até o acadêmico (no caso das Universidades; os projetos de Extensão); para melhoria do conhecimento dos futuros empresários; além da grande tarefa de leva-los às salas de aula; preparando-os para a NEOEMPRESA e a CLIENTIVIDADE como diz Souza (2012).
4. Que uso de projetos de extensão precisa ser pensado e implementado; de forma a dialogar com a sociedade, para que as universidades cumpra seu papel, para qual foi criada; tendo o cuidado de não se tornar refém de uma minoria elitista e ou apenas um departamento do setor produtivo; exercendo plena liberdade de pensamento, como bem coloca Buarque (1994); promovendo a inclusão.

Conclui-se, que é necessário que as universidades assumam seu papel de orientadoras; como na cena do filme a “Guerra do Fogo”; onde o guerreiro da tribo que **não** detinha a técnica, de criar o fogo; confiante que já sabia cria-lo, falhou ao mostrar para seu povo, pois lhe faltava a **técnica**; sendo necessário a mulher (que era da tribo que detinha a tecnologia e a técnica da criação do fogo); interferir; pondo-se como instrutora, mostrando como era o procedimento.

Assim, este será o papel das Universidades; de instruir os empresários que pensam que sabem fazer, mas, no entanto, não tem o conhecimento das técnicas necessárias, não conhecem as tecnologias, as práticas de gestão que o mercado exige; e por este fato, fracassam em seus empreendimentos.

Estes empresários, são os guerreiros, que lutam para manter a chama de seus empreendimentos acesa, mas, as dificuldades, o fluxo mercadológico, exige que busquemos novas ideias, novos procedimentos; que, para isso devemos caminhar pelo o universo do esclarecimento, para ter capacidade de ver o que está oculto; pois; alguns ainda vivem na caverna, olhando as sombras refletidas pela inovação das empresas ativas, das geradoras de novas tecnologias; para que sejam capazes de criar seu próprio fogo.

Por isso, esperamos que os projetos de extensão acadêmica seja o sol que colocará luz diante destes empreendedores; proporcionando esclarecimento, capacitando-os, para atuar neste ambiente mutante, que é o mercado atual.

## 5. Referências:

**A aventura da universidade** / Cristovam Buarque. – São Paulo: Editora da Universidade Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. – (Universitas). Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12241&ativo=488&Itemid=487](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12241&ativo=488&Itemid=487)>. Acesso em: 18 mai. 2017, 15:40:00.

**A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem** / Luiz Síveres (Organizador) — Brasília: Liber Livro, 2013. 272 p. 17 cm. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002320/232083por.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017, 19:10:00.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)> Acesso em: 15 de julho 2017, 10:50:00.

A Guerra do fogo. Disponível em: <<https://filmow.com/a-guerra-do-fogo-t8117/ficha-tecnica/>>. Acesso em: 18 mai. 2017, 14:40:00.

**As Micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil: 2001** / IBGE, Coordenação de Serviços e Comércio. – Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1898.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017, 17:26:00.

Chiavenato, Idalberto **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio / Idalberto Chiavenato. - 2.ed. rev. e atualizada. - São Paulo: Saraiva, 2007. Disponível em: <<http://www.buscadaexcelencia.com.br/wp-content/uploads/2010/08/Livro-Empreendedorismo-Idalberto-Chiavenato.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2017, 20:26:00.

Ensino do Empreendedorismo e Extensão Universitária: **uma política pedagógica articulada** / Márcio Rosa Portes / Sandro Patrício de Ananias / Hélvio de Avelar Teixeira. Disponível em: <[http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm\\_2933.pdf](http://www.convibra.com.br/upload/paper/adm/adm_2933.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2017, 15:19:00.

Extensão universitária: **o que é e como funciona** / Universidade São Judas Tadeu, 2016. Disponível em: <<http://blog.usjt.br/extensao-universitaria-o-que-e-e-como-funciona/>>. Acesso em: 15 jul. 2017, 13:25:00.

Global Entrepreneurship Monitor **Empreendedorismo no Brasil: 2016** \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores -- Curitiba: IBQP, 2017. 208 p.: il. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/941a51dd04d5e55430088db11a262802/\\$File/7592.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/941a51dd04d5e55430088db11a262802/$File/7592.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2017, 16:04:00.

Kant, II. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1985. Disponível em: <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/10/Textos-seletos.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017, 16:30:00.

Micro e pequenas empresas: **mercado de trabalho e implicação para o desenvolvimento** / Anselmo Luís dos Santos, José Dari Krein, Andre Bojikian Calixtre: organizadores. – Rio de Janeiro: Ipea, 2012. 232 p.: gráfs., tabs. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro\\_micro\\_pequenasempresas.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_micro_pequenasempresas.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2017, 17:15:00.

Navarro, Leila. **O que a universidade não ensina e o mercado de trabalho exige** [Livro Digital] / Leila Navarro. – São Paulo: Saraiva, 2006.

ProExt – **Apresentação**. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=yg1KIG2pTqAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=yg1KIG2pTqAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 22 jul. 2017, 18:40:00.

Site Microsoft. Disponível em: <<https://products.office.com/pt-br/student/office-in-education>>. Acesso em: 23 jul. 2017, 09:40:00.

Relação universidade-empresa: **fatores propulsores e restritivos no processo de transferência de tecnologia nas empresas catarinenses** / Luiz Alfredo Silveira. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/101937/222014.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 mai. 2017, 14:15:00.

Sage Brasil. Disponível em: <[http://conteudo.sage.com.br/programa-formacao-sage/?utm\\_source=site&utm\\_campaign=sage\\_unity&utm\\_medium=main\\_nav](http://conteudo.sage.com.br/programa-formacao-sage/?utm_source=site&utm_campaign=sage_unity&utm_medium=main_nav)>. Acesso em: 23 jul. 2017, 09:40:00.

**Sobrevivência das empresas no Brasil**. / Marco Aurélio Bedê (Coord.) – Brasília: Sebrae, 2016. 96 p. il. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-102016.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2017, 17:30:00.

Sobrevivência das empresas no Brasil, 2016. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-relatorio-apresentacao-2016.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2017, 17:30:00.



SOUZA, César A NeoEmpresa: **o futuro da sua carreira e dos negócios no mundo em reconfiguração** / César Souza. – São Paulo: Integrari Editora, 2012.

**Viagem ao Mundo do Empreendedorismo** / Rita de Cássia da Costa Malheiros / Luiz Alberto Ferla / Cristiano J. C. de Almeida Cunha, organizadores. Florianópolis: IEA – Instituto de Estudos Avançados. 2ª edição, 2005. Disponível em: <[http://ffn-brasil.org.br/novo/PDF-ex/Publicacoes/viagem\\_mundo\\_empreendedorismo\\_completo-1.pdf](http://ffn-brasil.org.br/novo/PDF-ex/Publicacoes/viagem_mundo_empreendedorismo_completo-1.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2017, 12:30:00.